

Referências bibliográficas

ADGHIRINI, Z. Jornalismo online: em busca do tempo real. In: HOHLFEDL, A.; BARBOSA, M. (Orgs). **Jornalismo no século 21: a cidadania**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

ADGHIRINI, Z.L.; PEREIRA, F.H. Perfil profissional do ciberjornalismo: o blog como espaço de autoria e identidade na web. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJor, 4., 2006, Porto Alegre.

ADGHIRINI, Z.L.; RIBEIRO, G.S.N. Jornalismo e identidade profissional do jornalista. **Comunicação e Espaço Público**, Brasília, UnB, v. 1, n. 1, 2001.

ALDÉ, A.; CHAGAS, V. Blog de política e identidade jornalística: transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor. **Pauta Geral**, Florianópolis, n. 7, 2005.

APPADURAI, A. Here and Now. In: APPADURAI, A. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003. p. 1-23.

BAKTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, R. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUDRILLARD, J. **Simulacro e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BERGER, R. Tornar-se os primitivos do futuro? In: DOMINGUES, Diana (Org.). **Arte e vida no século XXI**. São Paulo: Unesp, 2003.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

CALLADO, A.A. O texto em veículos impressos. In: CALDAS, Álvaro (Org.). **Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da internet**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio/Edições Loyola, 2002.

CANCLINI, N.G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Ed. da USP, 1997.

———. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- . **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- ECO, U. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- . **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- . **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.
- ESCOBAR, J.L. Blog do Noblat e escândalo midiático: jornalismo sobre novas bases. In: CONGRESSO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO – Intercom, 29., 2006, Brasília.
- FERREIRA, G.M. Contribuições da análise do discurso ao estudo de jornalismo. In: FRANÇA, Vera et al. (Orgs.). **Livro do XI Compós 2002**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FERRARI, P. **Jornalismo digital**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 13. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- FRANCISCATO, C.E. A atualidade no jornalismo. In: FAUSTO NETO, Antonio et al. (Orgs.). **Práticas midiáticas e espaço público**. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2001.
- FRANCO, B.V.M. **Os blogs e a crise do mensalão: novos padrões na cobertura política**. 2005. 54 p. Projeto experimental em jornalismo. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1990.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural na esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALLIN, D.C. Journalistic professionalism and public sphere. Trabalho apresentado nas “Conferências Internacionais sobre Comunicação e Cultura”, UFRJ/Iuperj, 20-21 jun. 1996. 22f mimeog. não num. Trad. para o português por MTGF de Albuquerque e FFLA de Albuquerque. Rev. técn. de A. de Albuquerque.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1994.

- LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.
- LATOURET, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.
- LUSTOSA, I. **Insultos impressos**: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823). São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- LYOTARD, J-F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.
- . América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- . Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (Org.). **Por uma outra comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MATTELART, A. e M. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2002.
- . **Pensar as mídias**. São Paulo: Loyola, 2004.
- MIÈGE, B. O espaço público: perpetuado, ampliado e fragmentado. **Novos Olhares**, São Paulo, ano 2, n. 3, p. 4-11, 1. sem. 1999.
- MORETZSOHN, S. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- NOBLAT, R. **O que é ser jornalista**: memórias profissionais de Ricardo Noblat. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- . **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2006.

O GLOBO. **Manual de redação e estilo**. Org. Luiz Garcia. 26. ed. São Paulo: Ed. Globo, 1999.

QUADROS, C.I. de. A participação do público no webjornalismo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, dez. 2005.

QUADROS, C.I. de; SPONHOLZ, L. Deu no blog jornalístico: é notícia? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO – SBPJor, 4., 2006, Porto Alegre.

QUERÈ, L. D'un modèle épistemologique de la communication. Tradução Vera Lúcia Westin e Lúcia Lamourier. Paris: Réseaux n. 46-47, CNET, 1991.

RIBEIRO, A.P.G. Memórias de jornalista: um estudo sobre o conceito de objetividade nos relatos dos homens de imprensa nos anos 50. In: FRANÇA, Vera. **Livro XI Compós 2002**: estudos de comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2003.

RESENDE, F. **Olhar às avessas**: a lógica do texto jornalístico. Tese (Doutorado em Comunicação). 2002. 239 p. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

REZENDE, I.S. O blog como ferramenta para o webjornalismo: um estudo de caso. **Espcom**, n. 1, maio 2006. Disponível em:
<<http://www.fafich.ufmg.br/~espcom/Revista/ArtigoIvanSatuf.html>>.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papirus, 1997. t. 3.

ROSA, A.P. da; QUADROS, C.I. de; VIEIRA, J. Blogs e as transformações do jornalismo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, ago. 2005.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SÁ, S.P. de; ALBUQUERQUE, A. de. A tragédia dos ursos e outras mensagens: observações sobre a e-política e a globalização. In: FAUSTO NETO, Antonio et al. (Orgs.). **Práticas midiáticas e espaço público**. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2001.

SODRÉ, N.W. **A história da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, M.W. (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHUDSON, M. **Discovering the News**: a Social History of American Newspapers. New York: Basic Books, 1978.

TRAQUINA, N. **O que é jornalismo**. Lisboa: Quimera, 2002.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação de Massa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Artigos em jornais, revistas não-científicas e Internet

BLOOD, R. Weblogs and journalism: do they connect? Nieman Reports. Fall 2003. Disponível em: <<http://www.nieman.harvard.edu/reports/03-3NRfall/61-63V57N3.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

BLOOD, R. Weblogs: A History and Perspective. Rebecca's Pocket. Set. 2000. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 12 nov. 2006,

CASTILHO, C. Blogs surfaram no tsunami. **Observatório da Imprensa**, n. 310, 4 jan. 2005. Sessão Imprensa em questão. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=310IMQ002>>. Acesso em: 12 nov. 2006.

DARNTON, R. Rede de intrigas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 30 jul. 2000. Caderno Mais.

MORAIS, L. Como fazer – e manter – um blog político. **Observatório da Imprensa**, n. 430, 30 out. 2006. Entrevista. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=405ENO001>>. Acesso em: 30 out. 2006.

———. Josias de Souza: “o blog não é economicamente viável”. **Portal Imprensa**, 29 nov. 2006. Entrevista. Disponível em: <http://portalimprensa.uol.com.br/new_ultimasnoticias_data_view.asp?code=4180> (Acesso em: 29 nov. 2006)

———. “Blog é uma salada bem temperada”. **Lide**, n. 46, set./out. 2006. Entrevista.

NOBLAT, R. O que um blog pode ensinar. **Observatório da Imprensa**, n. 314, 1 fev. 2005.

RECUERO, R.C. Weblogs, webrings e comunidades virtuais. Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/webrings.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2006.

Blogs consultados

Blog do Moreno. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/blogs/moreno/>

Blog do Noblat. Disponível em:

< <http://noblat1.estadao.com.br/noblat/visualizarConteudo.do> >

Blog Nos Bastidores do Poder. Disponível em:

<http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/>

ENTREVISTA / RICARDO NOBLAT

Como fazer – e manter – um blog político



Por Larissa Morais em 30/10/2006

Cheguei à bela casa de Ricardo Noblat, no Lago Sul, zona nobre de Brasília, bem na hora em que ele almoçava. "Está servida?", perguntou, simpático, enquanto batia um pratão de carne moída com alguma coisa que não consegui identificar. Eu já tinha almoçado, mas permaneci ali, na mesa, aproveitando para tentar conhecer melhor uma das pessoas que, no último ano, mais marcaram a minha vida.

Um aparte para explicar o motivo. Noblat é meu objeto de estudo desde que, em outubro do ano passado, bati o martelo que minha dissertação de mestrado, na PUC-Rio, discutiria as transformações do jornalismo a partir dos blogs jornalísticos. Na época, a crise do mensalão estava no auge e o *Blog do Noblat*, ainda hospedado no iG, competia pau a pau em qualidade de cobertura com os grandes jornais. Como quase todos os dias publicava furos, Noblat tornou-se leitura obrigatória nas redações. De certa forma, foi o trabalho dele que trouxe legitimidade para os blogs como veículo de cobertura política.

Por esses motivos, o *Blog do Noblat*, hoje vinculado ao Estadão.com, foi o primeiro que escolhi para fazer parte do chamado *corpus* do meu trabalho. Pouco depois, cheguei aos também excelentes blogs de Jorge Bastos Moreno (do Globo Online) e Josias de Souza (da Folha Online) – jornalistas que também tive a oportunidade de entrevistar.

Dos três, Noblat é de longe o mais entusiasmado com as potencialidades do blog como meio de comunicação. Enquanto para Josias de Souza é um sacrifício ler o que os leitores escrevem, para Noblat é um prazer. Diferente de Jorge Bastos Moreno, que vive às turras com os leitores que dizem o que ele não gosta de ouvir, Noblat não se estressa. Não que seus leitores o ataquem menos do que a seus colegas: quase todos os dias o jornalista é criticado, xingado, provocado. Mas releva. Para ele, é nessa confusão democrática que está a novidade do blog.

Noblat disse achar até graça de num dia ser chamado de petista, outro de tucano, em seguida de pefelista. Palavrão não pode, nem calúnia, mas o resto fica lá na área de comentários. "Cada um tem direito de achar o que quiser. Se você não for capaz de entender isso, então é melhor não fazer blog", afirmou, durante nossa entrevista – que se estender por mais de uma hora depois que nos mudamos da mesa da copa para a varanda.

Outra delícia do blog, para o jornalista, é poder misturar, muitas vezes num mesmo texto, todos os gêneros jornalísticos. "Não há regras a serem seguidas. Graças a Deus, ainda não inventaram manual de redação para blog", comemorou. Para ele, é uma bobagem reproduzir no blog a linguagem de jornal,

como fazem alguns jornalistas que se aventuram na blogosfera. A seu ver, quanto mais o autor do blog ousar, quanto mais escrever da forma como gostaria de fazer nos meios tradicionais de comunicação, mas não pode, mais facilmente conquistará identidade e reconhecimento do leitor.

Na opinião de Noblat, – que antes de se tornar blogueiro já foi repórter, editor, colunista e chefe de redação de alguns dos principais jornais e revistas do país – o fato de alguns jornais usarem textos de blogs em suas edições impressas já é uma abertura para que o estilo mais autoral influencie o texto tradicional do jornal.

"O *Estadão* usa um texto que eu faço [*para o blog*], mas seu repórter não vai poder escrever daquele jeito? Não vai fazer sentido. Pode durar o tempo que for essa resistência, mas é inevitável que o texto do jornal impresso se torne com a passagem do tempo uma coisa mais pessoal, mais autoral", previu o jornalista, que sonha fazer um blog "como o do Moreno", no qual possa escrever "só quando tem vontade".

Mais uma entre as muitas provocações que os dois blogueiros vivem fazendo um ao outro. "Isso é puro marketing", esclareceu Noblat, diante da minha curiosidade. "Quando o blog dele [*Moreno*] surgiu, o meu já existia. Aí logo nas primeiras edições ele me deu umas porradas e disse: olha, vamos fazer de conta que a gente está brigando e somos inimigos. Até hoje a gente faz isso no blog. Assim, levo leitor para ele e ele para mim. E o Josias fica para trás!", contou, sorrindo, o jornalista. A seguir, a maior parte da nossa conversa.

* * *

Os blogs surgem como uma nova possibilidade de disseminação de informações, na Internet, num formato muito diferente do apresentado pelo jornalismo tradicional. Você classifica seu trabalho no blog claramente como jornalismo ou como algo diferente?

Ricardo Noblat – Como jornalismo. As formas de apuração são as mesmas. Faço basicamente um *blog* de política. Falo dos bastidores da política a partir de Brasília. Também falo de política dos estados, se aquela política for relevante para o resto do país. De vez em quando eu mudo de assunto. Por exemplo, os Rolling Stones vieram aí num fim de semana, quando há uma oferta bem menor de assuntos sobre política... então decidi cobrir os Rolling Stones.

Também posso mudar de assunto por algum capricho. Como na época em que o papa João Paulo II já estava agonizando, nos últimos dias. Gosto muito desses assuntos de igreja porque eu tive um tio que era arcebispo e já li todos os livros sobre eleição de papa. Adoro eleição de papa. Aí me dediquei a cobrir a agonia de João Paulo II e a eleição de seu sucessor. Simplesmente não postei nenhuma notícia de política – minha audiência foi lá para baixo e eu não tava nem aí. Mas, enfim, é uma vez ou outra que eu saio da política e faço alguma coisa diferente. Mas o que eu faço é jornalismo, não é outra coisa. Tem vários gêneros de

jornalismo. Pode ser uma crônica, um artigo, uma reportagem, pode ser notícia. O grosso é notícia.

Tem alguma diferença para o jornal em relação a apuração?

R.N. – A diferença é só uma, que não deveria existir como diferença: você tem que ser muito mais rigoroso na apuração quando faz o blog do que quando faz jornal, rádio ou televisão. O blog te ensina a ter um cuidado extra porque ali é você e o leitor, não há desculpa a oferecer pelos erros. No jornal, no rádio, na TV, um erro costuma ter muitos pais, a culpa é distribuída, diluída. No blog, não. Você não pode dizer que outra pessoa apurou, o diagramador pôs no lugar errado ou o editor tituló mal. É você e pronto. Seus erros são seus. Os erros no blog tomam uma dimensão muito maior primeiro porque os leitores podem entrar na hora e criticar, segundo porque fica registrado ali. É mortal em blog tirar o erro. Você tem que admitir que errou no post seguinte ou em algum outro post, e deixar o erro ali exposto.

Quais são as diferenças quanto à linguagem?

R.N. – Aí tem diferença. Graças a Deus ainda não tem manual de redação para blog. E espero que não exista nunca. No blog você pode exercitar com muito mais liberdade seu jeito, gosto, seu modo de escrever as coisas. Você em jornal, rádio ou televisão está muito amarrado por uma série de regras estabelecidas: fórmulas que você aprende na escola ou dentro das redações, por uma pretensa linguagem neutra ou objetiva. No blog você pode misturar todos os gêneros jornalísticos. Num mesmo post posso dizer que o Lula ganhou a eleição, porque que ele ganhou e em seguida dar minha opinião. Tudo isso numa mesma nota. Não é que eu tenha que fazer isso, mas ninguém me proíbe. Não tem regra.

Uns blogueiros preferem reproduzir no blog a linguagem de jornal. Acho que não é por aí. A meu ver, quanto mais você ousar, quanto mais escrever da forma como gostaria e não pode nos meios tradicionais de comunicação, mais ganha uma identidade, mais o leitor te reconhece ali.

Você pode se coloca ali de uma forma diferente.

R.N. – Os leitores de blog cobram muito sua opinião. Quando faço três ou quatro posts sem dar opinião, apenas relatando algum assunto, eles cobram: o que você pensa disso, desce do muro, dá sua opinião! Nos meios convencionais de comunicação é o contrário, seus patrões cobram que você não se coloque. A gente aprende que não pode entrar na notícia porque não é assim que se faz. No blog, não, é assim que se faz. Ou é assim que as pessoas querem que você faça. É um jornalismo de autor. O blog tem o seu nome, a sua cara e as pessoas querem te reconhecer ali – quer elas tenham afinidade com você ou não. Entram ali porque se afinam com o que você pensa ou, pelo contrário, porque não, mas querem participar da discussão e, na maioria das vezes, se opor a você.

Quais são os seus critérios de noticiabilidade no blog?

R.N. – São os mesmos do jornal, rádio e televisão. De uma forma cínica, eu diria

que notícia é tudo aquilo que o jornalista acha que é notícia. Acho que no blog o espaço do que é notícia é muito mais amplo, por não existirem regras, do que nos meios convencionais. Se vou cobrir em tempo real uma reunião numa CPI qualquer... Os jornais não têm preocupação, mas aí é falha deles, de descrever o que acontece ali, ficam só em cima das declarações e do resultado da reunião – eventualmente do bate-boca entre os participantes. Se vou cobrir do blog, tenho a preocupação de descrever o que está acontecendo, até porque estou fazendo aquilo em tempo real, então tenho vários posts a colocar. Vou opinar sobre o que está acontecendo; tentarei enxergar detalhes que irão escapar da narrativa do jornal. Escaparão não porque os jornais proibam seus repórteres de reparar esses detalhes, mas porque simplesmente eles não enxergam.

Claro que há também um limite de espaço – o repórter sabe que não tem esse espaço todo no jornal. No blog, há todo o espaço do mundo. Posso cobrir a eleição do Severino Cavalcanti como presidente da Câmara, como fiz, e ficar postando das duas horas da tarde de um dia até às onze da manhã do dia seguinte. Foram quase 200 notas.

A linha editorial do Estadão exerce algum tipo de influência sobre o seu trabalho?

R.N. – Não, de jeito nenhum. Pelo contrário. O que está acertado em contrato é que o conteúdo do blog é de exclusiva responsabilidade minha – para o bem ou para o mal. Se eu for processado, problema é meu, não do *Estadão*.

Como é feita a filtragem de comentários no seu blog?

R.N. – Até o finalzinho de 2004, quem entrava no blog postava o que quisesse – ficava ali. Aí o blog sofreu um ataque. Foi em outubro de 2004. Alguém começou a postar a mesma nota duzentas vezes por minuto, com um desses programas. Foi quando resolvi criar o cadastramento, como uma forma de tentar desestimular algumas pessoas que entravam ali só para postar baixaria. Depois a gente evoluiu para criar um mecanismo que me permite não só deletar o comentário problemático, mas também bloquear seu autor. Isso não impede o usuário de entrar novamente no blog, com outro e-mail, mas desestimula a baixaria, porque o cara vai ter que ficar criando e-mail, criando e-mail... Mais adiante evolui para ter dois moderadores – é como as coisas funcionam hoje. Os comentários entram e são lidos depois de publicados. Se houver algum comentário que fira as regras do blog, os moderadores simplesmente o eliminam ou, se for o caso, bloqueiam o usuário. Se for adotada essa medida mais radical, de bloqueio, somem todos os comentários que aquele usuário tiver feito no blog. Tudo que ele já postou a qualquer tempo. É a pena máxima.

Hoje já temos perto de 13 mil cadastrados. Todo dia gente se cadastra, todo dia gente é bloqueada. Tem um moderador de 9 às 14h. O outro pega às 16h e deveria ir até a meia-noite, mas como é um aficcionado pelo blog vai até 3, 3 e pouco da manhã.

Você já se arrependeu de postar algum texto? Fiquei particularmente impressionada com um do fim do ano passado, que está também num trabalho

meu, em que você chama o ex-ministro Palocci de mentiroso.

R.N. – Arrependimento de ter escrito isso? Não. Certamente todos os posts, se eu pudesse reescrever, reescreveria porque acho que poderiam ficar melhores. Mas aí é mais por rigor meu com o que escrevo. Certamente já devo ter interpretado errado muita coisa e devo ter analisado errado muita coisa, dado opinião errada. Quando trabalhei no *Jornal do Brasil*, em 1982, bati muito, muito, no governo Sarney. Hoje, revendo o que escrevi, penso que bateria um pouco menos porque, olhando para trás, sou capaz de compreender melhor as dificuldades enfrentadas àquela época. Já sobre o Collor, não me arrependo de nada do que escrevi. Só a perspectiva da história dá o distanciamento crítico. E também a velhice. Eu me lembro que uma vez o Nelson Rodrigues foi entrevistado por alunas – na verdade, estagiárias da PUC; ele gostava de chamar assim e elas eram de fato estagiárias da PUC – e a última pergunta era mais lugar comum: que conselho o senhor dá para os jovens jornalistas? Ele respondeu: envelheçam. Só você adquirindo experiência e vivendo e vivendo e vivendo é que vai estar mais maduro para enxergar as coisas e tentar entendê-las.

Esse é um dos defeitos que acho que as redações têm hoje: estão excessivamente juvenis. As empresas querem pagar menos – e pagam menos do que pagavam. Querem redações cada vez mais enxutas, portanto sobrecarregadas, então apelam para jornalistas muito jovens. Não tenho nada contra jornalistas jovens, entrei numa redação para trabalhar com 17 anos. Mas é preciso gente experiente também. Você não pode cobrar de um jovem recém-formado um jornalismo de qualidade superior porque ele não tem tanta experiência. Não basta escrever bem, é preciso conhecimento acumulado. Isso só a idade dá.

Você está com quantos anos?

R.N. – Com 57. Isso está parecendo conversa de velho... Quando eu entrei em redação, aos 17, a maioria das pessoas que encontrei tinha cabelo branco, era gente experiente que já tinha vivido muita coisa. Essa mistura é muito boa.

Você já teve algum problema judicial no blog?

R.N. – Teve um direito de resposta que a Justiça do Mato Grosso mandou eu dar para a senadora Serys Slhessarenko (PT-MT). Eu citava a senadora no meio de um comentário. Dizia que ela tinha sido citada como possível suspeita de ter se beneficiado da venda superfaturada de ambulâncias. A Justiça mandou eu dar o direito de resposta e eu dei. Por azar da senadora, foi no dia em que ela foi notificada oficialmente (pela Câmara). Aí eu deitei e rolei!

Mais recentemente, publiquei o áudio de uma conversa telefônica entre o ex-governador Joaquim Roriz, aqui de Brasília, e o advogado dele, Ary Varela, na qual os dois falam muito mal do (então) deputado José Roberto Arruda [*que acaba de se eleger governador de Brasília*]. Só que essa fita foi exibida pelo próprio advogado do Roriz na inauguração do seu comitê de candidato a deputado federal. Ele apresentou lá três vezes para 500 pessoas. Peguei a fita e

botei no blog. Aí o Roriz entrou na Justiça pedindo que ninguém reproduzisse o conteúdo da fita – toda a imprensa foi proibida de publicar. Chegou a notificação para o *Estadão* e como o blog está hospedado ali, me pediram para tirar; se não podia haver um problema jurídico. Antes disso, ficou lá mais de uma semana – quem queria copiar, copiou, está em tudo quanto é parte por aí, porque eles não podem sair notificando todos os blogs. É absolutamente inócua para a internet uma decisão como essa.

No artigo que escreveu ano passado para o Observatório da Imprensa ["O que um blog pode ensinar"], você falou da importância do surgimento de um novo tipo de relação com os leitores, no blog. A seu ver, como essa forma de jornalismo pode influenciar os jornais daqui para frente?

R.N. – Acho que já está influenciado. Primeiro porque os jornais começaram a se abrir para os blogs – pelo menos para tê-los dentro dos seus portais. Mesmo o *The New York Times*, que resistiu muito, hoje tem vários blogs no seu portal. Os jornais brasileiros também caminham nessa direção. Em outubro do ano passado meu blog era o único do portal do *Estadão*; hoje já tem seis, oito, não sei mais. Isso mostra que os jornais perceberam a demanda do leitor por participação. Alguns jornais hoje já apresentam, na internet, espaço que seu conteúdo da versão impressa seja comentado. O *The Guardian* faz isso, assim como outros jornais lá fora. Aqui ainda não vi. Não há resposta, não há interação com o leitor ali, isso ainda está restrito aos blogs.

O fato de alguns jornais usarem textos de blogs em suas edições impressas já é uma abertura para que o estilo mais autoral do blog contamine o texto tradicional do jornal. De repente o *Estadão* usa um texto que eu faço, mas seu repórter não vai poder escrever daquele jeito? Não vai fazer sentido... Pode durar o tempo que for essa resistência, mas é inevitável que o texto do jornal impresso se torne com a passagem do tempo – não sei dizer quanto tempo – uma coisa mais pessoal, mais autoral. Há meios e modos de fazer com que o leitor interfira cada vez mais na produção do jornal. O que eu acho que não há ainda é a disposição dos jornalistas e dos donos de jornal para que isso aconteça para valer.

Explique melhor.

R.N. – A resistência em abrir esse espaço para o leitor não é apenas dos proprietários, é dos jornalistas, que não querem abrir mão do monopólio da informação. Só que isso eles já perderam, quando se inventou a internet. Eles não são mais os únicos produtores de conteúdo, serão cada vez menos. Daí o fenômeno dos blogs; há mais de 50 milhões de blogs, hoje. Cada vez mais as pessoas querem opinar sobre as coisas, interferir, discutir, debater, oferecer notícias. Se uma pessoa pode fazer o blog que quiser e oferecer notícias, por que é que ainda estamos discutindo diploma? Qualquer um pode fazer jornalismo. O que vai fazer a diferença sempre é a qualidade do que é oferecido e a credibilidade do autor daquela informação. Mas tanto qualidade quanto credibilidade podem ser adquiridas por qualquer pessoa. O jornalista tem a vantagem de ter sido treinado para isso, mas nada impede que um profissional de qualquer outra área, ou até não profissional, também seja capaz de fazer.

Como é que é ter equipe num veículo tão pessoal como o blog?

R.N. – Blog não dá para terceirizar. É um instrumento muito pessoal de emitir informação. Você pode ter pessoas que te ajudam na apuração, mas na hora de escrever é o seu jeito, é o seu estilo, o seu modo de ver a coisa. Tenho dois repórteres que me ajudam. Um fica muito pelo Congresso e o outro fica mais solto, onde tiver notícia. Essas informações são passadas normalmente por telefone. Quando os repórteres pegam o jeito do blog, eventualmente escrevem. Mas leio tudo antes e é inevitável que eu meta a mão. Não que os textos sejam ruins, é para imprimir a minha marca que faço isso. Ninguém escreve exatamente igual ao outro – os jornais têm a pretensão que todos escrevam do mesmo jeito, mas isso é uma idiotice. Se eu tivesse um blog com seis notícias por dia, oito, não precisaria ter repórteres. Mas como faço um blog sempre oferecendo uma quantidade grande de notícias, quanto mais eu tiver informação, melhor. O meu sonho é fazer um blog como o do [Jorge Bastos] Moreno, onde eu não precise postar todo dia. Posta quando quer, do jeito que quer, quando dá vontade. Mas não tenho quem me pague para fazer blog assim... Moreno tem porque é um empregado de *O Globo* que nas horas vagas faz o blog. Eu não, só faço o blog. Se eu começar a oferecer bem menos notícias, a trabalhar bem menos, como gostaria, certamente o *Estadão* vai se queixar.

Agora que o blog tem mediadores para ler os comentários, como você faz para manter o contato com os leitores?

R.N. – Passo o dia todo lendo comentários, respondendo e-mails. Nunca chegam menos do que 100 e-mails. E aí tem de tudo. Sugestão de nota, dica de notícia, consulta sobre assuntos diversos. Até mãe me perguntando se a filha tem jeito para o jornalismo. Respondo a todos, geralmente de madrugada. Leio os comentários que são postados nas notas, a grande maioria deles; quando tenho mais tempo leio todos. Às vezes, destaco um comentário mais inteligente, mais provocador, que eu saiba que pode gerar uma discussão legal no blog; outras vezes respondo comentários no próprio blog – para isso criei uma seção chamada "Calçada da Fama". Quando faço isso os leitores gostam muito.

Agora tem uma coisa: com esse sucesso dos blogs, todo mundo agora chama tudo de blog. E não é. Blog é um espaço com algumas características específicas: tem que ter o espaço para as pessoas comentarem e você dialogar com elas. Se não vira uma coluna eletrônica de notas e só. Se você bota nota, as pessoas comentam e acabou, não há diálogo. Se não tem esse diálogo, não é blog. O Kibe Loco diz que é blog e não é. Tem espaço para comentários? Não. Então sinto muito, é site. O cara fica revoltado quando digo isso porque quer pegar carona nessa história de blog.

Não te assustam os excessos que alguns leitores cometem?

R.N. – Confesso que no começo me assustavam, depois eu fui me acostumando. Estranhava muito a contundência dos comentários. Como os leitores se valem de pseudônimos, ficam muito à vontade de dizer com muita franqueza, e quase sempre com muita rudeza, o que acham ou deixam de achar. Os moderadores são orientados por mim a deixar todas as críticas meu respeito, por mais duras que sejam. A não ser aquelas que resvalam para a baixaria, tipo dizer que sou

ladrão. Ladrão não dá! Agora se escrevem: você é um vendido ao PT ou ao PSDB, fica lá. Até porque, se deixo lá esse tipo de crítica a mim mesmo, isso permite que eu deixe também as críticas aos outros.

Tem muitos coleguinhas que se queixam para mim: um cara me esculhambou no seu blog... Eu digo: me esculhambam todo dia, por que não podem esculhambar você de vez em quando? No blog do Moreno não se pode falar mal dos coleguinhas, que ele não deixa. No meu, não. Já fui chamado de petista, depois virei tucano, para alguns já fui pefelista; agora já estão me chamando de petista de novo. Então pronto, acabou, deixa para lá. Cada um tem direito de achar o que quiser. Se você não for capaz de entender isso, então é melhor não fazer blog.

Por que o Moreno fala tanto de você?

R.N. – Por puro marketing. Quando o blog dele surgiu, o meu já existia. Aí logo nas primeiras edições ele me deu umas porradas e disse: olha, vamos fazer de conta que a gente está brigando e somos inimigos. Até hoje a gente faz isso no blog. Ele faz mais que eu. Assim, levo leitor para ele e ele para mim. E o Josias [*de Souza*] fica para trás! (risos)



Últimas Notícias - 29/11/2006

Josias de Souza: "O *blog* não é economicamente viável", por Larissa Moraes

Por Larissa Moraes*, colaboração para o Portal IMPRENSA



Em 21 anos de jornalismo, dos quais 20 passou na *Folha de S. Paulo*, o jornalista Josias de Souza achou que já tinha feito de tudo na profissão. Foi repórter, editor, chefe de sucursal, colunista. Como Secretário de Redação da *Folha* na capital paulista chegou a chefiar mais de 300 jornalistas, entre eles correspondentes estrangeiros distribuídos em pontos estratégicos do mundo. Hoje fala para quase tantas pessoas quanto antes, mas trabalha sozinho, sem ter quem o chefe nem a quem chefiar.

Josias é autor do blog "Nos Bastidores do Poder", atualmente o mais lido do país, entre os blogs de política. Ancorado na Folha Online, o blog tem recebido em torno de 300 mil visitantes únicos por mês. Isso equivale, pelas contas do Ibope, a cerca de 900 mil leitores. "Estou trabalhando muito mais. Muito mais – não é pouco", enfatizou o jornalista. Ele começa o expediente no fim da manhã e, não raro, só pára de postar notas de madrugada.

Para conseguir estar com a família de vez em quando, ele se divide entre a redação da Sucursal brasiliense da *Folha* e o escritório de sua própria casa, localizada no Lago Sul, zona nobre de Brasília. Sentado à grande mesa de madeira desse escritório, cercado de livros, jornais e revistas, ele expôs sinceramente pontos de vista polêmicos, como sua completa falta de entusiasmo de ler os comentários que os leitores deixam em seu blog.

"A gente faz um esforço extraordinário para levar bom jornalismo aos leitores, põe no blog informações em primeira mão sempre que possível, trabalha feito um louco até de madrugada, aí vem um idiota e deixa um comentário que não tem nada a ver com nada, xingando, usando palavrão. Eu tinha parado de ler. Mas tive de voltar a filtrar depois que Justiça impôs uma condenação a um outro blog por conta de um comentário considerado injurioso", afirmou, em conversa de mais de uma hora de duração, cujos melhores momentos estão a seguir. Acompanhe.

Como nasceu o seu blog?

Josias de Souza - O blog foi criado em outubro do ano passado porque o jornal (Folha de S. Paulo) me pediu para fazer. Não tinha a menor intenção de ter um blog nem a menor familiaridade com esse mundo da Internet. Só usava o computador era escrever matérias e mandá-las para a redação. Mas o jornal entendeu que havia um nicho a ser explorado. Na época não havia nenhum blog na Folha Online. E eles me pediram para fazer. Aceitei.

Ali você se sente fazendo jornalismo?

Josias - Acho que é essencialmente jornalismo. Hoje, há nos jornais, na televisão e na Internet um grande supermercado de informações, oferecidas numa profusão frenética. Vejo o blog como uma espécie de delicatessen, um recanto virtual onde o leitor pode se encostar e buscar informação com um carimbo autoral. Estou falando de blogs políticos, que são um fenômeno à parte dentro do fenômeno maior dos blogs. No meu caso, tento agregar à informação alguns elementos de análise, de contextualização. Vejo o blog como mais uma ferramenta de informação, não passa disso.

Como assim não passa disso?

Josias - Muitos vêem os blogs como uma grande ameaça aos meios de comunicação tradicionais; acham que eles viriam para substituir os jornais. Creio que isso tudo é uma balela. Ninguém vai prescindir de uma *Folha de S. Paulo*, de um *O Globo*, de um *O Estado de São Paulo*, que trazem em suas páginas um resumo bem ordenado do que foi o dia anterior. O leitor não vai prescindir de um *The New York Times*, de um *The Washington Post*. Os meios tradicionais é que já estão incorporando os blogs. Os que têm a maior audiência hoje – e é assim também nos Estados Unidos – estão ancorados em sites de grandes jornais. Que ameaça é essa que está associada, dependente desses sites? Dependente no bom sentido, até. Eu, por exemplo, se não fosse funcionário da *Folha* não teria como fazer um blog. O blog não é economicamente viável.

O Ricardo Noblat cavou este espaço.

Josias - O Noblat é pioneiro nessa área. Não sei muito bem como foi a origem dele, mas sei que no início ele não tinha uma folga financeira, costumava até brincar que a mulher o sustentava. Depois ele foi para um grande portal e passou a ter uma remuneração. Hoje, no *Estadão*, trabalha no mesmo sistema que eu. Mesmo os grandes portais – Folha Online, Globo Online, Estadão.Com – não têm uma rentabilidade compatível com a audiência. Até onde estou informado, o Folha Online não dá prejuízo, mas não chega a dar um lucro compatível com sua audiência. No blog tampouco a audiência, que é extraordinária, se traduz e, publicidade em recursos financeiros, coisas do gênero.

Gostaria que você falasse um pouco das diferenças do seu trabalho no blog em relação ao jornal, no que se refere a linguagem.

Josias - Como eu dizia, o blog é uma ferramenta autoral. Você tem a oportunidade de exercitar um pouco mais seu próprio estilo. Nesse sentido, vejo o blog como o paraíso. Tenho muita autonomia. Escrevo do jeito que gosto, destaco o que quero destacar, dou aos assuntos o enfoque que desejo, sem interferências externas. Virei uma espécie de publisher de mim mesmo, o que é o

paraíso para um jornalista.

Como é a relação com as fontes?

Josias - Tem uma coisa que me surpreendeu muito. Eu tinha um enorme receio, quando me pediram para fazer o blog, de ficar dialogando com meninos, nerds, jovencinhos conectados na Internet. Mas não. Hoje o mundo político e econômico tem ciência da importância dos blogs. Eles perceberam que há uma audiência extraordinária do outro lado da tela do computador. Eu tinha um número importante de fontes, mas muitas se agregaram nesse período de quase um ano. Ao contrário do que eu imaginava, que essas fontes teriam algum tipo de preconceito, deu-se o contrário. As pessoas me atendem prontamente, devolvem as ligações. Ministros, políticos, empresários, ministério público.

No blog você fala coisas que não falaria no jornal?

Josias - Não. Nos primeiros dias do blog algumas pessoas me disseram: olha, você está muito formal, o blog é um espaço que requer informalidade. Não consigo ser informal a ponto de falar de coisas pessoais. Acho que quem recorre a um blog noticioso não está interessado nisso e, se está, é melhor ir para outro lugar. Também tenho muito prurido em dizer, por exemplo, que conversei com fulano, que ouvi beltrano. Sempre escrevo: o blog ouviu, o blog conversou. Meu texto já não era amarrado no jornal. Como eu tinha uma coluna, já escrevia com certa liberdade estilística. Aqui, levei essa liberdade às últimas conseqüências. Eu me sinto muito à vontade, escrevo como gosto de escrever, mas não chego a descambar para a informalidade.

Por que você não se sente bem na primeira pessoa?

Josias - Acho que é muito pedantismo, parece que você está a se auto-promover. Sou de uma geração de jornalistas que tem muito prurido de se colocar como notícia. Para mim, não interessa quem apurou. Interessa ao leitor saber que a informação foi bem apurada. Se você está divulgando é porque considera que foi convenientemente apurada. Sou avesso a essa cultura de jornalista ficar se vangloriando, ficar se colocando no meio da notícia. Acho que a estrela é a notícia, não o jornalista. A apuração não precisa ser 'fulanizada'.

Você podia falar um pouco mais sobre o processo e apuração para o seu blog? Não quanto ao acesso às fontes, mas em relação aos seus próprios critérios de apuração. Tem diferença para o jornal?

Josias - Não, é a mesma coisa. Em alguns aspectos há uma preocupação até maior porque a Internet tornou-se um oceano traiçoeiro. Ao navegar, o leitor encontra boas informações, mas também dá de cara com boatos e coisas inverídicas. Não é um mar no qual você possa pescar de forma sossegada. O que dá credibilidade a esses blogs políticos é a percepção do leitor de que eles estão sendo produzidos por pessoas experimentadas, jornalistas que têm uma história, que têm vínculo com meios de comunicação importantes. Trabalho para passar ao leitor a certeza de que tudo o que está ali publicado é real, foi bem apurado, seguindo a boa técnica jornalística, a despeito da liberdade estilística. Tenho uma preocupação exacerbada com a apuração porque acho que, para fincar âncoras nesse meio eletrônico, que é em si mesmo pouco confiável, preciso demonstrar cotidianamente que mereço confiança.

Os textos do blog precisam seguir a linha editorial da Folha?

Josias - Não necessariamente. Isso nunca foi explicitado. Mas tenho 21 anos de jornalismo, dos quais 20 passei na *Folha*. O modo *Folha* de informar está no meu DNA profissional. Tenho sempre as preocupações que a *Folha* tem – muitas delas já incorporadas a outras redações: ouvir mais de uma fonte, quando houver uma dúvida, tentar o tira-teima com uma terceira pessoa até, dar espaço para que o outro lado se manifeste quando houver uma acusação, esse tipo de prática. Com blog ou sem blog, essas preocupações são essenciais.

Estava me referindo a opinião editorial.

Josias - Trabalho na *Folha* há tanto tempo e nunca houve um texto meu que dissessem: isso você não pode publicar. Em 20 anos de casa nunca aconteceu comigo. Não digo que a direção da casa não tenha suas preferências, mas não sinto que elas interfiram no cotidiano da redação. Pode interferir na elaboração de editoriais e coisas do gênero. Assim é também no blog.

Reparo que nos blogs, quando vocês tentam ser neutros, os leitores reclamam, dizem que é hipocrisia. Mas quando vocês se posicionam, como nesse post seu criticando o Paulo Betti, eles cobram a neutralidade jornalística.

Josias - Nesse aspecto, acho que há uma certa confusão. Como blog é algo muito autoral, cada um faz à sua maneira. Eu tento fazer com que o leitor saiba diferenciar quando estou querendo simplesmente informar e quando quero me posicionar opinando ou analisando determinado episódio. Mesmo assim há freqüentemente essa confusão. Às vezes divulgo uma notícia sem uma vírgula que possa ser entendida como manifestação de opinião. Aí alguns leitores se revoltam porque numa outra notícia eu tinha me posicionado. Perguntam: por que agora não faz a mesma coisa? Nesse caso dos artistas isso foi muito visível, fiz textos em que expunha deliberadamente a minha opinião. E despertei as mais diversas paixões.

É uma relação difícil...

Josias - Uma das coisas que me deixam mais entristecido, no blog, é o uso que se faz do espaço destinado aos comentários. É um espaço muito desqualificado. Aquilo não é utilizado, a meu ver, como deveria, como um lugar para o debate, para a troca de idéias com o autor do blog ou com os outros leitores. Isso tem levado a problemas. Recentemente, um blog foi condenado judicialmente a pagar uma indenização a uma empresa. Chama-se Imprensa Marrom. Eles foram condenados por causa de um comentário. Uma juíza entendeu que aquele comentário era ofensivo a uma empresa e condenou o responsável pelo blog – e não o comentarista – a pagar algo como R\$ 3.500. Isso, evidentemente, acendeu uma luz amarela em todos os blogs.

Como é feito o monitoramento dos comentários do seu blog?

Josias - Comecei fazendo um monitoramento. Lia e, se achava pertinente, publicava. Depois cresceu exponencialmente o número de comentários. Estava gastando 60% do meu tempo liberando comentários. Aí resolvemos liberar geral, entrava qualquer coisa. Mas agora não dá mais. Tive que voltar a monitorar. Tem muita baixaria, muita ofensa pessoal. Escondidas atrás de apelidos, as pessoas se sentem à vontade para desqualificar políticos, empresas, jornalistas. Se fosse uma crítica aceitável, tudo muito bem, mas são comentários com palavras de

calão muito raso. É uma pena, o ideal era que fosse tudo liberado.

É mesmo uma pena, porque nem todos os leitores são mal intencionados.

Josias - Havia um leitor, do Rio de Janeiro, nunca me esqueço o nome porque ele era muito centrado, seus comentários eram bem escritos, sempre pertinentes. Uma coisa impressionante. Sinvaldo. Num dado momento, ele se cansou. Entrava, sempre compenetrado – percebia-se que ele tinha se preparado para fazer o comentário – fazia uma coisa bem-feita, normalmente agregava dados, mas aí o povo saía matando: sai para lá, Sinvaldo, chegavam a xingá-lo. Há uns dias, depois de uma fase de sumiço, vi um comentário dele. Fiz questão de escrever: 'Ó, Sinvaldo, você por aqui. Fico feliz de saber que você ainda está aí do outro lado.' A volta do monitoramento o estimulou a escrever novamente, com a mesma frequência de antes. Mas o baixo nível médio continua o mesmo. Essa minha desilusão é inevitável.

Eu ia te perguntar o que ensina a relação com leitores, mas você está tão desanimado...

Josias - Não ensina nada, não. Acho que no futuro pode-se evoluir para algo mais edificante. Sinto que há uma demanda por interatividade – o próprio fenômeno dos blogs mostra isso. Os leitores querem participar. A dúvida é como disciplinar essa vontade, tornando-a útil. Há um leitor que é também minha fonte antiga. É um técnico, já ocupou cargos de relevo em vários governos. Casualmente, ele conhece a mim e ao Noblat. Disse que, em função disso, sentiu-se compelido a ler blogs. Mas ele sempre me diz que o que mais o entristece é justamente a sessão de comentários. 'Um negócio palpérrimo', diz ele. 'Não acrescenta nada. Inclusive, de certo modo, até desmerece o espaço'. Eu concordo inteiramente. A gente faz um esforço extraordinário para levar bom jornalismo aos leitores, põe no blog informações em primeira mão sempre que possível, trabalha feito um louco até de madrugada, aí vem um idiota e deixa um comentário que não tem nada a ver com nada, xingando, usando palavrão. Eu tinha parado de ler. Mas tive de voltar a filtrar depois que Justiça impôs a condenação pecuniária a outro blog por conta de um comentário considerado injurioso.

Vejo que muita gente acredita numa teoria da conspiração da mídia...

Josias - É, mas esse tipo de comentário eu não costumo filtrar, não, acho que é bom deixar. Se o leitor acha que está todo mundo conspirando contra o Lula, deixa lá, é o pensamento do cara. Costumo tirar só quando tem ataques pessoais, palavrão, acusação que você não possa provar.

Os excessos cometidos pelos leitores não te assustam? Já vi até comentários ameaçadores no teu blog.

Josias - Não assustam, só acho lamentável.

Você acha que os blogs vão afetar o modo de se fazer jornalismo na grande imprensa, daqui para frente?

Josias - Não creio, não. O que acho que pode haver – a meu juízo num futuro longínquo – é uma migração do noticiário do papel para o meio do cristal líquido. Para que isso ocorra é preciso que a publicidade se convença de que divulgar anúncios no computador é mais negócio do que anunciar no papel. A Ford norte-

americana já destinou um naco importante do seu orçamento publicitário à Internet; a terceira cervejaria americana decidiu que todo o seu orçamento publicitário vai para a web. Esse movimento está acontecendo gradativamente nos Estados Unidos. E como a gente costuma mimetizar a realidade norte-americana, isso decerto vai chegar aqui. Quando tempo isso vai levar eu não sei. Se o jornal vier a ser veiculado numa plataforma diferente, a virtual, abre-se um mundo de possibilidades em termos de interação com os leitores. A questão é saber como fazer, como filtrar, como incorporar essa contribuição de modo útil. Hoje, já há sites de jornais importantes com um iconezinho em baixo das notícias dizendo: comente aqui. É um esforço de interatividade. Com a mudança, a interatividade será parte do jornal.

Já se arrependeu de publicar algum texto?

Josias - Não, ainda não, embora a gente esteja sempre flertando com esse risco. No blog, o seu tempo de ação é muito menor do que no jornal – as atualizações são feitas num espaço de tempo muito menor. No jornal, à medida que você vai apurando a informação, vai refletindo sobre ela e, em tese, pode lapidá-la até o fechamento. No blog, não. Está pronto? Então redige e joga lá.

O perfil do seu blog mudou um pouco nos últimos meses, não?

Josias - No início eu postava muito, alucinadamente. Fazia o que os americanos chamam de living blog: o cara está lá numa sessão de CPI, você está ao vivo, reproduzindo instantaneamente o que ele está dizendo, às vezes até se sobrepondo à televisão. Alguém que estivesse assistindo pela televisão, com um computador na frente, poderia dizer: esse cara é louco! Pra que isso se está todo mundo transmitindo ao vivo? Em outras ocasiões eu ficava alucinado com o que os portais estavam noticiando. Depois, me dei conta do efeito delicatessen de que falei para você. Se o leitor vem ao blog, ele não está atrás de uma agência de notícias, quer algo mais seletivo.

Eu defendia isso no jornal, acho que os jornais têm que ser muito mais seletivos do que são e dar aos assuntos que escolhem abordar um tratamento mais qualificado. Então estou fazendo isso também no blog. Estou menos neurótico em relação ao número de postagens e um pouco mais preocupado com a qualidade e com o refinamento dos textos. Assim, o risco de um arrependimento é menor.

O que mudou na sua vida depois do blog?

Josias - Tenho trabalhado muito mais – muito mais, não é pouco. Daí eu estar dividindo meu tempo entre minha casa e a redação. Tenho na redação da Folha em Brasília uma estrutura muito confortável, mas venho para cá (a casa dele) porque no meio da tarde vem minha filha da escola para pegar a roupa do balé me dá um beijo, minha mulher me vê. Ela também é jornalista. Cinco da manhã ela já está na redação da TV onde trabalha. Muitas vezes, eu vou dormir às três da madrugada, às vezes até mais tarde... Se você não criar essas janelas de comunicação, acaba não vendo nem as pessoas que lhe são mais caras. É por isso que dois, três – às vezes quatro dias por semana – eu trabalho em casa. Vou para a redação de vez em quando porque também sinto a necessidade de ver os colegas. Senão daqui a pouco vou ficar parecendo um óvni dentro do jornal. Já estou parecendo... Não tem editor, não tem chefe, não tem subordinado. Eu que já chefieei a redação da Folha, que tinha 300 pessoas,

correspondentes estrangeiros, hoje estou chefiando a mim mesmo. Estou fazendo um produto que sei que é muito atrativo porque tem aí os indicadores, mas é um trabalho muito solitário.

**** Larissa Moraes é jornalista, tem 34 anos de idade e 12 de carreira. Começou no jornalismo empresarial, no grupo Odebrecht. Na seqüência atou nas redações do JB, Jornal do Commercio, O Globo, Globo Online e pela assessoria FSB.***

Atualmente, a jornalista é proprietária de uma pequena empresa de comunicação, por meio da qual colabora com diversos veículos. Faz mestrado em Comunicação Social na PUC-Rio. Sua dissertação, a respeito de blogs de jornalismo, tem defesa prevista para fevereiro de 2007.

entrevista
Jorge Bastos Moreno

"Blog é uma salada bem TEMPERADA"

Para Jorge Bastos Moreno, campeão de acessos no Globo Online, o blog aceita tudo aquilo que os jornais não costumam publicar por falta de "gancho"

por Larissa Morais

No início de setembro, os principais jornais do país noticiaram com destaque a frase do ator Paulo Betti, na qual ele disse ser "impossível fazer política sem colocar a mão na merda". As palavras ditas na saída de um encontro entre artistas e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Rio, deixou Betti mal com todo mundo. Até com os petistas que ele atrapalhadamente tentou defender. O ator foi criticado em colunas, editoriais, cartas de leitores e áreas de comentários dos principais blogs políticos.

Nesse cenário de todos contra um, o jornalista Jorge Bastos Moreno remou na contramão numa manobra arriscada. Publicou no seu blog uma carta em que o ator se queixava da forma como suas palavras foram reproduzidas pela imprensa. Na abertura do post que reproduzia a fala de Betti, Moreno chegou a dizer que botava a mão no fogo pelo ator. "No jornal eu não poderia fazer isso, mas no blog é diferente", explicou o jornalista que, além de autor do Blog do Moreno, assina a coluna Nhenhênem, que o jornal *O Globo* publica aos sábados.

Moreno entende os blogs de jornalistas como um espaço para informações, reflexões, piadas que, seja por limitação de espaço, seja pelas normas de conduta da profissão, não costumam sair nos jornais. Como dar os bastidores da notícia. Ou contar boas histórias que não tenham necessariamente "gancho" de publicação.

O blog de Moreno tem algum material factual, mas seu forte está justamente nas histórias saborosas vividas ao longo dos cerca de trinta anos de carreira de seu autor. Ali surgem também recorrentes declarações de amor a atrizes como Juliana Paes e Mariana Ximenes e muitos insights. Moreno também tem especial apreço por criticar seu rival Ricardo Noblat, autor do Blog do Noblat, de quem revelou, nesta entrevista, ser amigo de longa data. "É um trabalho comandado pela minha emoção", definiu. Os leitores parecem adorar essa salada bem temperada – o Blog do Moreno é hoje o mais acessado do *Globo Online*, com audiência de 140 mil visitantes únicos por mês. >>>

entrevista

Jorge Bastos Moreno

Como foi seu ingresso no mundo dos blogs?

O *Globo Online* convidou todos os colunistas do *Globo* para terem blog. No início não me interessei. Aí as pessoas todas que tinham blog diziam que era ótimo e um dia resolvi fazer. Lembro-me que inaugurei o blog da época da morte do Brizola. Tinha feito uma entrevista com ele, a última dele, e aproveitei no blog o áudio do material. Gostei da repercussão e fui fazendo.

Seu blog é bem mais pessoal do que o dos seus principais concorrentes. Como você chegou a esse formato?

Para entrar nesse mundo, fui ler, procurar conhecer a origem dos blogs. Entendi o blog como um diário eletrônico que podia ser feito por qualquer pessoa. Para os jornalistas, entendi que podia funcionar mais ou menos como um making of; ser o lugar onde se poderia tratar dos bastidores da notícia, dar detalhes curiosos que não caberiam numa matéria de jornal.

Como você escolhe os assuntos de que vai tratar?

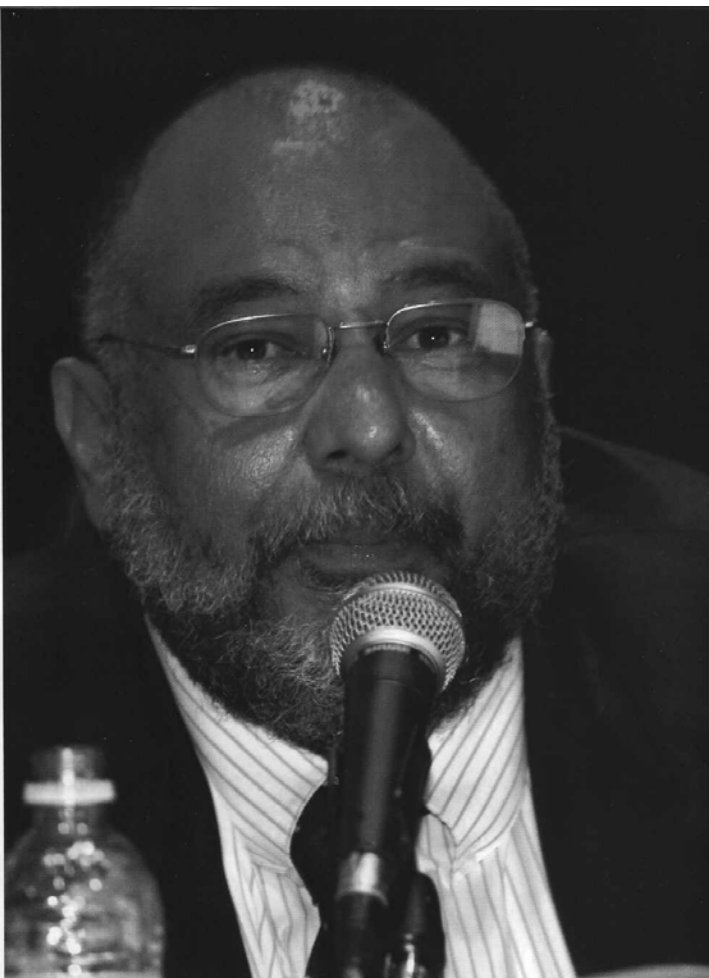
O fato do momento muitas vezes não me interessa. Meu trabalho é muito mais comandado pela minha emoção, pela minha sensibilidade de repórter, do que por esse frisson de estar blogado no que está acontecendo. Gosto de citar um fato curioso que aconteceu num dos depoimentos do Roberto Jefferson. O Noblat postando a toda hora, eu também, aquela correria. Aí recebi a informação de que a Malu Mader tinha tido um peripaco lá em Curitiba. Pela coincidência de eu ser amigo do irmão e do médico dela,

passei a acompanhar o caso e dei as costas para o depoimento. Naquele momento, para mim, a saúde daquela jovem atriz era mais importante do que o Roberto Jefferson denunciar corrupção no governo. Alguns leitores me criticaram, dizendo: "Você vai deixar de acompanhar um fato que pode derrubar o governo para ser babá de atriz?" Eu achava aqueles comentários tão desnecessários... era mais para encher o saco mesmo porque os caras tinham acesso à televisão, podiam ver aquele depoimento ao vivo.

Você não estranha ver textos do seu blog publicados no jornal?

Isso às vezes me chateia. De vez em quando *O Globo* pega um texto meu do blog e coloca com o meu nome sem dizer que é do blog. Só que é um texto absolutamente informal. O ombudsman antigo do *Globo*, naquelas críticas dele, metia o pau em mim. Até que um dia eu não agüentei e mandei um e-mail para ele falando: "Garcia, você sabia que *O Globo* está publicando o meu blog?" Ele me pediu desculpas. Enquanto o Noblat pega as notícias dos jornais e coloca no blog, comigo aconteceu o con-

FERNANDO QUIVEDO / AGENCIA O GLOBO



“
NO BLOG O LEITOR SE
SENTE ÍNTIMO DA GENTE.
TEM UNS CARAS QUE
FICAM FALANDO: VEM CÁ,
NEGÃO, MEU NEGO, MEU
PRETO. DÁ VONTADE DE
XINGAR, MAS NÃO
RESPONDO”

BASTIDORES

Sou leitora do Blog do Moreno há pouco mais de um ano, desde que decidi falar sobre blogs na minha dissertação de mestrado, na PUC/Rio. Comecei a ler uma série de blogs de jornalistas e me apaixonei pelo dele. Perdidamente. Tanto que topei o desafio de mudar toda a estrutura do meu projeto para conseguir justificar do ponto de vista acadêmico que seus textos sejam incluídos numa pesquisa no campo do jornalismo. Tenho professores que acham que não será fácil convencer a banca de que um blog que num dia fala de política e noutro sobre o amor do seu autor pela Juliana Paes é imprescindível para eu conseguir analisar as transformações do jornalismo a partir dos blogs. Mas acho que consigo, de tão convencida que estou disso.

Quando marquei essa entrevista, a idéia era usá-la apenas na dissertação, mas o assunto rendeu tanto que não resisti a contar do que tínhamos falado para o Aydano, meu amigo e editor da Lide. Para a minha alegria, ele também adorou. Espero agora que vocês gostem tanto quanto eu de conhecer mais um pouco sobre Moreno, meu querido objeto de estudo. *(Larissa Moraes)*

Busca por

palavra-chave:

buscar



JORGE BASTOS MORENO
BLOG DO COLUMNISTA

Enviado por Jorge Bastos Moreno - 2/10/2006 - 10:49

Lula X Alckmin, até nas entrevistas

Eu não sou Lula nem Alckmin, sou Mariana Ximenes.

Mas basta ver o destaque que os sites estão dando à entrevista do Lula para perceber que ela foi muito mais interessante que a do Alckmin.

É uma constatação. Não é uma torcida.

Tudo bem, dirão vocês: o Alckmin desde ontem vem repetindo isso e Lula é a primeira vez que comenta o resultado da eleição.

É um argumento.

O resumo de tudo isso é que o segundo turno é a melhor coisa que realmente poderia acontecer, como diziam os analistas e os grandes columnistas.

trário, é o jornal que publica o que escrevo para o blog.

Essa rixa sua com o Noblat é verdadeira ou não? Por que você fala tanto dele?

(Silêncio) Porque *(pensa mais)*. Não sei. *(Ri)* Vou pôr fim a um segredo. Na verdade, já estou meio desmoralizado com esse segredo porque as pessoas que me conhecem sabem que sou amigo do Noblat e que eu me divirto com essa coisa. Por outro lado, falo na brincadeira muita coisa que acho mesmo. Para mim, o blog dele não é blog, é um clipping eletrônico.

E por que você bate tanta boca com os leitores? Não dá para segurar?

Como não respondo um por um, tem dia que estou sem assunto aí vou e brigo com eles. Eu dou chique.

Como é essa relação com os leitores estabelecida no blog?

No blog o leitor se sente íntimo da gente. Tem uns caras que ficam falando: vem cá, negão, meu nego, meu preto. Dá vontade de xingar, mas não respondo.

Você foi criticado por escrever no seu blog que estava com a mão no fogo pelo Paulo

Betti, no episódio em que ele disse que para fazer política é preciso pôr a mão na merda. No blog você assume mais riscos do que quando escreve para o jornal?

Sempre achei que no blog poderia me separar da condição de repórter para assumir uma posição de cidadão. Mas tive um exemplo desagradável. Postei um blog dando um espaço para o Paulo Betti se defender desse patrulhamento. Escrevi que botava a minha mão no fogo por ele, mas disse também que se estivesse escrevendo para o jornal não faria isso. Aí o crítico de mídia da *Folha* vai e escreve que coloco

Lide 9

Nº 46 • SETEMBRO/OUTUBRO 2006

entrevista

Jorge Bastos Moreno

“ ISSO AQUI É UMA COISA PESSOAL, EU LOGO MAIS ME CANSO DE DAR UMA INFORMAÇÃO OU DE FAZER UM COMENTÁRIO E ESCREVO UMA RECEITA DO PEIXE QUE EU SEI FAZER

DEPOIS QUE O ULYSSES GUIMARÃES MORREU JÁ PUBLIQUEI TRÊS ENTREVISTAS COM ELE, SENDO DUAS DE PÁGINA INTEIRA

DEVIDO À SUA GRAVIDADE, A CRISE NÃO VAI FICAR LIMITADA A UMA ELEIÇÃO, MAS VAI SE ESTENDER PELOS SEUS RESULTADOS

”

minha mão no fogo pelo Paulo Betti. Ele foi no mínimo imprudente. Tinha que explicar que escrevi isso no blog. Um superior meu que leia o comentário vai pensar: “tem um repórter nosso dizendo que bota a mão no fogo por um artista”. Podia ser por qualquer pessoa, isso é incompatível com o papel de repórter. Esse crítico trata os blogs como uma mídia normal. Já dei uns toques nele, no próprio blog: isso aqui é uma coisa pessoal, eu logo mais me canso de dar uma informação ou de fazer um comentário e escrevo uma receita do peixe que eu sei fazer.

Mas seu estilo é heterodoxo mesmo quando você escreve para o jornal.

Mesmo na minha coluna para o jornal me exponho demais. Como quando eu disse que fui corrompido pelo Severino e a mulher dele porque eles estavam me entupindo de bolo de fubá. É uma coisa no mínimo inusitada você ver um jornalista escrevendo assim. Então às vezes fico pensando: se acho legal fazer esse estilo de jornalismo, tenho que pagar o preço que é muitas vezes ser confundido.

Como você conquistou espaço para fazer esse jornalismo?

Tive uma sorte no jornalismo: desde o início da minha carreira encontrei pela frente loucos que davam amparo às minhas loucuras. E isso aconteceu em todos os veículos em que trabalhei. No *Globo*, então, é uma loucura. Depois que o Ulysses Guimarães morreu já publiquei três entrevistas com ele, sendo duas de página inteira.

Você não acha que a imprensa, na ânsia por conseguir furos, muitas vezes acaba sendo manipulada conforme interesses políticos? Essa indústria de dossiês que se criou não é fruto disso?

O jornalismo, principalmente aqui em Brasília, adquiriu um mal. O impeachment do Collor, ao mesmo tempo em que resgatou a credibilidade da imprensa, nos viciou a receber relatórios, dossiês, quebras de sigilo. Você recebia um documento e não checava. Com o surgimento de jornalismo online essa irresponsabilidade se estendeu. Pela necessidade da velocidade, começamos a ter um comportamento absolutamente irresponsável. O chamado denunciismo surgiu na mídia brasileira – falo com conhecimento de causa porque também fui beneficiário dele – como uma junção entre o denunciismo petista e a nossa sede por furo.

Você acredita que esse novo escândalo envolvendo a compra, pelo PT, de dossiê contra o José Serra altera o futuro político do Brasil?

Devido à sua gravidade, a crise não vai ficar limitada a uma eleição, mas vai se estender pelos seus resultados. Aí é que caberá aos políticos – os do governo e os da oposição – o desafio de administrá-la. O que se discute é o dia seguinte. Qualquer que seja o resultado das eleições, ele não vai reduzir o radicalismo político provocado por esses acontecimentos. Não teremos uma ressaca eleitoral e sim um aprofundamento da crise.